

ENTREVISTA COM LIA OSÓRIO MACHADO

Camilo Pereira Carneiro¹²

Eloiza Dal Pozzo¹³

Laura Beatriz Silva Leal¹⁴

Luciano Stremel Barros¹⁵

Link da entrevista no YouTube: https://www.youtube.com/watch?v=xplZ_LNmWn4

Geógrafa, pesquisadora, autora de diversos livros, estudos e publicações sobre as fronteiras. Ao longo de sua carreira, já realizou diagnósticos socioeconômicos, demográficos e de segurança pública da faixa de fronteira do Brasil, já escreveu sobre os espaços geopolíticos transnacionais, cadeias produtivas, integração sul-americana, desenvolvimento da Faixa de Fronteira e uma série de outras temáticas. Na entrevista, aborda temas diversos sobre as fronteiras, cidades gêmeas e questões da geopolítica atual.

Na entrevista, realizada em 20 de março de 2025, Lia explica como iniciou os estudos sobre as fronteiras, provocada, principalmente, pela falta de pesquisas e registros quando ela foi realizar uma pesquisa sobre temas ligados à região Amazônica e as fronteiras do Peru, Colômbia e Bolívia, na década de 1990. Segundo ela, no governo de Fernando Henrique Cardoso já havia um interesse nos estudos sobre as fronteiras como região a ser estudada e, efetivamente, na primeira gestão do governo de Luís Inácio Lula da Silva é que elas passaram a ser vistas e estudadas como áreas de potencial desenvolvimento.

¹² Professor da UFG e coordenador do Limes, grupo de pesquisa na área de geopolítica e fronteiras da Universidade Federal de Goiás (UFG). Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/8277725980658558>.

¹³ Jornalista e pesquisadora do Instituto de Desenvolvimento Econômico e Social de Fronteiras (IDESF). Pós-doutora em Políticas Públicas e desenvolvimento. Currículo lattes: <https://lattes.cnpq.br/8740519013866659>

¹⁴ Pesquisadora do Limes (UFG). Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/7795566776823842>

¹⁵ Doutor em Relações Internacionais pela Universidade Autónoma de Lisboa (UAL) e Presidente do Instituto de Desenvolvimento Econômico e Social de Fronteiras (IDESF). Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/1358800603374086>

Lia destaca que a geopolítica atual é a relação da China com o Brasil, com os demais países da América do Sul e a interligação Atlântico-Pacífico. Também reflete sobre a necessidade de enxergar o Amazonas nesse contexto Atlântico-Pacífico e mudanças de circulação na América do Sul. Além disso, conta como criou o termo cidades gêmeas.

IDESF/Limes (UFG): Hoje nós temos a satisfação de conversar com Lia Osório Machado, que é geógrafa, pesquisadora, autora de diversos livros, publicações e estudos sobre as fronteiras. A Lia já realizou diagnósticos socioeconômicos, demográficos e de segurança pública da faixa de fronteira do Brasil, já escreveu sobre os espaços geopolíticos transnacionais, cadeias produtivas, integração Sul-Americana, desenvolvimento da faixa de fronteira e uma série de outras temáticas.

Eu, Eloiza Dal Pozzo, o presidente do IDESF, Luciano Stremel Barros, o professor da Universidade Federal de Goiás, Camilo Pereira Carneiro, e a pesquisadora da UFG Laura Beatriz Silva Leal, vamos conduzir essa conversa com a Lia, para que ela possa compartilhar algumas vivências e reflexões sobre as fronteiras do Brasil.

Lia, então, mais uma vez, muito obrigada por ter aceitado essa conversa conosco, e a gente começa, então, te perguntando sobre a sua trajetória como estudiosa das fronteiras, como é que a senhora começou a estudar as fronteiras?

Lia Osório: Bom, primeiro, obrigada pelo convite de vocês, para mim, é sempre um prazer falar das fronteiras, porque é uma área geográfica dinâmica hoje em dia no mundo inteiro, então, eu fico contente de começar, lá no final da década de 90, esse tema. Estranhamente, na nossa história, os portugueses tinham uma noção muito forte de patrimônio de terras, o que não deixa de ser interessante, considerando o tamanho de Portugal. Mas eles tinham muito interesse em dominar áreas, digamos assim, né? Não fizeram isso na Índia, mas aqui eles viram uma outra condição, e nos séculos seguintes desde que chegaram aqui, houve esse interesse pelo território como patrimônio de terras, e isso é muito importante, porque o patrimônio de terras no entendimento deles era o controle dos limites, mas não um limite descrito no mapa, leis e etc.

Um limite da forma como ele apareceu até em áreas dos árabes, Oriente Próximo que se chamava na época. Então, no caso do Brasil, o português logo cedo teve esse interesse em fazer esse perímetro. Ele não estava muito preocupado em ocupar. Na nossa costa enorme, em direção ao interior.

O fato é que essa questão da fronteira já aparece de uma forma no Brasil, na nossa história, de uma forma muito vaga. E desde a época, eu diria do início, o século 20, mas talvez mais com a ditadura do Getúlio, no final da década de 30, eles ficavam mais preocupados com o perímetro, não com conteúdo do território, propriamente dito, lá no interior, em direção ao Pacífico. Para encurtar a história, o que hoje é diferente, eu diria, desde 1990, com o Governo de Fernando Henrique, o que surgiu de novo foi esse interesse das relações com os países vizinhos, ainda não em direção ao Pacífico, isso não era muito claro para o pessoal, era mais no sentido de conectar os países da América do Sul. Então, esse foi o contexto na década de 1990, em que começou-se a ter esse interesse a ver esse plano de estrutura rodoviária e possivelmente ferroviária, de criar uma rede no interior do Brasil e vagamente nessa relação com os países vizinhos dado o nosso isolamento e o deles também.

E o que mudou em relação a essa época? No final da década de 90 eu comecei a me interessar pela fronteira. Foi mais um interesse de ver a entrada de redes ilegais, porque eu estava interessada na Amazônia, essa foi minha área de estudo anteriormente. E queria saber o que estava sustentando a economia da Amazônica e ficou claro que além da lavagem de dinheiro, havia também o tráfico de cocaína, de coca, porque vinha dos nossos países vizinhos, Bolívia, Colômbia e Peru. Então, isso foi um fluxo de informação e de interesse meu, e eu fiquei surpresa porque eu fui procurar coisas sobre a fronteira, justamente por causa da entrada de drogas e, considerando o tamanho da nossa fronteira, me perguntei porque não havia nenhum trabalho sobre a fronteira. A fronteira era algo super presente, desde o primário, praticamente, se fazia mapas na minha época, eu sou idosa. Nós fazíamos mapas, à mão, para saber sobre o Brasil, mas nunca as pessoas falavam dessa fronteira, era algo distante.

Os estados nossos, o Paraná, o estado do Rio Grande do Sul, do Amazonas, Mato Grosso, os governos estaduais, nenhum deles dava muita bola para a fronteira como área de estudo, veja bem, não para usar a fronteira. Vocês estão em Foz do Iguaçu, que foi um dos lugares que cresceu por interesse da população civil, apesar de ter começado como uma base militar, muito simples, mas, na verdade, o desenvolvimento de Foz do Iguaçu, que até hoje é a maior cidade da nossa fronteira internacional, é um lugar que desenvolveu-se em termos da iniciativa local, não tanto do governo. Havia intervenções, por exemplo, na nossa relação com Paraguai, para nós isso sempre foi importante, por motivo de geopolítico, então, havia esse interesse, mas o conjunto da fronteira internacional do Brasil, o que é uma das mais longas, não havia.

Então, para minha surpresa, não havia trabalhos, pesquisas, interesse do Ministério das Relações Exteriores, que eu considero, exceto em alguns momentos, muito fraco em termos de divulgação. Eles são muito fechados, e, na verdade, durante grande parte da minha vida, meu julgamento foi que eles pouco trabalhavam em termos de estimular pesquisa sobre a fronteira internacional, apesar de em princípio a mudança que foi acontecendo no mundo, como a fronteira também é lugar de conflito, não é só de passagem. Então, por causa da questão da droga, eu comecei o estudo na década de 90, eu comecei a fazer esse estudo. Inclusive meus alunos, meus orientandos, havia vários deles lá na UFRJ, onde eu passei minha vida profissional, havia vários, o Camilo foi meu aluno de mestrado e fez a dissertação lá na UFRJ, e assim por diante, então, cada um deles foi escolhendo uma área para fazer da fronteira, e tudo isso é importante que a gente diga que um dos estímulos para pesquisa é o financiamento. Eu, por motivo da pesquisa sobre a droga, que deu muita celeuma na imprensa, eu tive acesso a financiamento como pesquisadora do CNPQ, ao dinheiro do CNPQ, e pedi também para CAPES, então, inicialmente eu tinha um recurso para fazer o trabalho de campo.

No meu entendimento de método, como não havia trabalhos sobre a fronteira, eu tinha que ir lá, e é óbvio, que com essa imensa fronteira poderia escolher pontos, mas não conhecer a fronteira, mas concomitantemente a internet ampliou o acesso a fontes no mundo inteiro também ampliou, isso também foi um elemento que eu quero chamar atenção, porque hoje a pesquisa não é só você: 'ah, isso é um tema

interessante, vou estudar', é também o fato de você ter as condições para fazer esse estudo. E assim foi, eu fiz uma pesquisa pelo CNPQ e mandei para CNPQ.

No primeiro governo Lula, o então Ministro da Integração Nacional, o Ciro Gomes, ele e o José Dirceu, que era o Chefe da Casa Civil, estou falando de uma história que eu só soube depois, eles se reuniram com outras pessoas também, e foram fazer o plano do primeiro governo Lula, e eles pegaram um tema que no final do governo Fernando Henrique, já começava pelo interesse de conexão com o outros países da América do Sul, o Fernando Henrique já tinha esse projeto, e eles eram muito mais integrados e resolveram considerar a fronteira como uma possível zona de desenvolvimento, então nós fomos contratados pelo Ministério da Integração Nacional, e assim foi, nós fizemos essa pesquisa. Essa foi a publicação que eles fizeram, e essa publicação, na verdade, o que ela tem descrito, é sobre duas áreas - que não fomos nós que escolhemos, foi o próprio Ministério - que foi o Mato Grosso do Sul e a Amazônia, principalmente na área em que o tráfico de drogas era mais forte, principalmente na fronteira com Peru e Colômbia, que era uma das principais áreas de entrada da droga, e além disso naquela época eles tinham medo das guerrilhas, e então, o que eu quero chamar a atenção, é que o interesse pela fronteira surgiu, forte ou fraco, irregular, mas por vários motivos, então, não foi um só.

O que deu sorte, foi que aqui no Brasil, eu comecei a fazer pesquisa, e é bom que seja assim, foi com dinheiro público para fazer a pesquisa, eu estava na universidade pública, então foi uma coincidência também poder fazer essa pesquisa, nós fizemos, sem nenhuma relação direta com governo, fizemos eu conseguir um financiamento para imprimir e mandei para o CNPQ, o pessoal lá do Planalto viu, achou bom como um projeto do governo Lula, como um dos vários projetos do governo Lula, e como eu disse, o Fernando Henrique já tinha feito, mais timidamente e mais pelo interesse nas estradas, que ele queria estimular para o futuro, então, houve todo esse movimento né? Então, a pesquisa que saiu disso foi extremamente interessante porque o elemento principal não foi de desenvolvimento regional, de desenvolvimento econômico, o que mais estimulou imediatamente foi o interesse, no Congresso, e de vários grupos dentro do governo, e eu acho que houve uma relação também com os estados, alguns estados, não todos, porque os estados brasileiros,

todos têm relações ilegais com os nossos vizinhos, e é óbvio, deles conosco, então, esse tema das relações propriamente ditas, concretas, materiais, não é um assunto que se estimula muito no estudos não é? Por exemplo, eu levantei com os alunos, uma das pequenas pesquisas que fizemos, sobre os caminhões que entravam através de Uruguaiana, porque era uma grande entrada para o Cone Sul, e então havia alguns dados dispersos aí, mas eu notei que não havia interesse dos governos estaduais naquela época, dos anos 1990 para a década de 2000, não havia esse interesse dos estados.

No Brasil, em geral, os estados só se interessam quando eles veem - os estados que eu digo locais - eles só se interessam quando eles veem que há uma chance de obter grana, recursos para alguma coisa que eles queiram, e às vezes não tem nada a ver com a fronteira. Então, eu nem entendo o porquê disso, com essa imensa área de fronteira, não há muito interesse, nem nós ficamos emocionados em falar em fronteira, né, e mesmo as pessoas que vivem na fronteira, preferem ser esquecidas naquela época. Portanto isso indica que a consciência dos políticos, e também dos pesquisadores, era diferente da que nós vemos hoje, então, na minha trajetória, eu estava até conversando isso com meu filho, outro dia, é a nossa trajetória, e isso é algo extremamente curioso, mas parece que em outros lugares isso também aconteceu, não somos os únicos, apesar do tamanho da fronteira, as pessoas não se interessam, acham que é fundo de quintal. Vocês mesmo em Foz do Iguaçu, sempre apareceram por causa das cachoeiras, sem dúvida nenhuma, por causa das conexões internacionais, inclusive, que inclui relações internacionais legais e ilegais, mas o resto da fronteira nada, praticamente nada, muito pouco, talvez, lá no Rio Grande do Sul, com Uruguai, Rivera, então, isso tudo começou a ser estudado.

Agora, por que é que de repente as pessoas começaram a se interessar pela fronteira, nada forte, nada único, veio de várias fontes, várias origens e a do Estado central, Brasília, então, isso foi o que deu substância, e nós fizemos, os alunos começaram a fazer, e para minha surpresa, e minha alegria, porque eu fui de uma época, - estou com 84 anos - que em grande parte da história eu fui vivendo, por causa da revolução, houve passos largos no sentido de rapidez, de difusão da informação.

E Foz do Iguaçu, hoje é a cidade mais desenvolvida da fronteira, a maior cidade da fronteira internacional, mas vai aparecer, seguramente, e vocês já devem estar percebendo, outros lugares ao longo da linha de fronteira, porque o contexto agora não só de informação é diferente, mas porque a geopolítica do mundo e do Cone Sul mudou, e nesse aspecto, o que tem que chamar atenção dos pesquisadores, é essa relação com a China, e isso eu acho fantástico, porque durante décadas, a China já estava em Porto Iguaçu, e na cidade vizinha do Paraguai, em Ciudad del Este, e também da Argentina muito menos, Argentina sempre fechou muito a entrada, não que ela fechasse o contrabando, mas fechou a entrada formal.

Então, isso é muito interessante, porque agora vão se multiplicar os pontos de contato, porque a nossa relação com o mundo, e com a China, que se desenvolveu, deslanchou um sonho, que havia desde o século 19, por poucas pessoas, mas havia essa imaginação, de que o Brasil tinha que voltar a ter linhas de comunicação, linhas de relação comercial com nossos vizinhos, do Pacífico, ou seja, a relação Atlântico-Pacífico que nunca conseguiu deslanchar, mas que agora já começa o processo, e esse Brasil que vocês vão viver, dada a juventude de vocês, já vai ser um outro Brasil, porque será um Brasil que mesmo com todas as relações e riscos que podem acontecer, nós estamos numa situação geopolítica delicada, por causa dos Estados Unidos, nós estamos nos beneficiando com isso, porque os Estados Unidos nunca deu muita bola, mas por causa da entrada da China, agora os Estados Unidos estão dando muita bola, sim.

Então vocês vão provavelmente, a médio prazo, se é que já estão, tendo essas pressões externas, por causa dessa conexão, que o Pacífico e porque o padrinho dessa relação foi o capital chinês, e os planos da China, que faz parte da América do Sul, tudo isso mostra que hoje, o interesse de vocês, Foz do Iguaçu estar na situação em que vocês vão, provavelmente, competir a longo prazo com outros, mas principalmente, vocês têm que entender quais são os fluxos que estão perpassando agora na conexão do Brasil com o pacífico. Esse é o ponto.

IDESF/Limes (UFG): Naturalmente, a geografia política tem a sua obra como uma referência, o seu trabalho é fundamental, aqui na Universidade Federal de Goiás e no Grupo Limes. Então, primeiramente, eu gostaria de saber como você vê a geografia política no Brasil, quais são os principais grupos dedicados a esse estudo de campo da geografia e da fronteira.

Lia Osório: As universidades próximas à fronteira, como fui do CNPQ, eu me lembro que eu notava, comentava com os colegas, que praticamente todo o dinheiro de pesquisa ia para o urbano, seja de que lugar no Brasil fosse, na área da geografia, ia para o urbano. Eu não posso dar uma resposta muito clara a respeito disso, o fato é que as universidades que foram surgindo ao longo de todos os estados brasileiros, que foi uma política começada pelo Fernando Henrique, depois continuou nos governos Lula, de você multiplicar as universidades federais, o que aumentou no número de pessoas fazendo pesquisa e com a ajuda do governo federal. Então, eu acho que esse pessoal, por esses motivos e outros, curiosidade, chance de crescer.

Tem muita gente no interior do Brasil que vê a Universidade como uma forma de você produzir e criar um nome para si, e isso deve ser estimulado. Eu acho que isso levou as universidades à disponibilidade de recursos. Essa disponibilidade é muito diferenciada porque há estados locais que também ajudam a pesquisa, mas a maior parte, na minha época, era o governo federal. Hoje eu não sei como está essa distribuição de recursos. O fato é que, sem ninguém ter tido um papel de direção, houve um interesse de muitos pesquisadores por esse novo tema que não fosse o urbano em si. E essa questão da fronteira provavelmente no futuro outras pessoas vão se interessar e descobrir outros elementos que levaram as pessoas na geografia e outras áreas também a se interessar pelas fronteiras. Surgiu essa porta e eles entraram.

IDESF/Limes (UFG): Quais os principais desafios que a Senhora enfrentou quando coordenou o projeto de proposta de estruturação da PDFF?

Lia Osório: Um eu já falei, grana. Você precisa de dinheiro para fazer trabalho de campo. E para mim, geografia sem trabalho de campo, é zero. Se você não for ao lugar, ainda mais em um país desse tamanho, altamente complexo.

Em resumo, deu sorte, para mim, do ponto de vista da minha profissão, que eu fui uma pioneira, mas isso já está mais do que espalhado no Brasil inteiro. Hoje é outra situação. Não é? E houve essa coincidência com o interesse do governo brasileiro. E foram vários fluxos de interesse, como a dinâmica interna do governo brasileiro, a pressão externa dos eventos no exterior e uma certa sensibilidade da nossa direção federal que levaram a essa ampliação do interesse pela fronteira. Nós estamos falando das universidades, dos pesquisadores. Quem não gostou, aliás, uma curiosidade, foram os militares inicialmente. Porque os militares tinham o monopólio, praticamente, do conhecimento sobre a fronteira. Coisa, que acho que eles devem ter tudo em arquivo. Porque há anos são responsáveis e eles faziam trabalhos sobre a fronteira, levantamento de informação. Tudo isso é um tesouro de informação, mas quando eu comecei a estudar fronteira -quando eu falo 'eu' estou falando porque é mais simples, mas na verdade, não haveria eu, se não tivesse a universidade por trás, e o CNPQ e a CAPES dando as bolsas para os alunos vir estudar-. Então, eu tenho que fazer essa observação, caso vocês pensem diferente. Então, o fato é que hoje, a situação é diferente, então, há uma dinâmica já, de pessoal. Agora, Goiás é interessante, porque Goiás foi à frente de uma, nós começamos na década de 60, nós passamos o mercado interno brasileiro, fruto da política do Juscelino Kubitschek, dos 50 anos em 5, toda essa área teve aquela expansão com a Belém-Brasília.

IDESF/Limes (UFG): Professora, eu queria pegar um gancho aqui, naquela ideia, que eu achei muito interessante, quando a Senhora disse que parece que olhar para a fronteira veio só a partir do problema, porque não se pensou através do desenvolvimento e isso começa a pensar a partir do Fernando Henrique, realmente com as obras da IRSA, aquelas obras de integração, as infraestruturas, né?

Lia Osório: O interesse, Luciano, o interesse. As obras, na verdade, foram poucas em relação aos sonhos.

IDESF/Limes (UFG): Aos sonhos é verdade, hoje estão saindo algumas outras, com outros financiamentos de outras fontes. Mas, então, eu vejo que nós compartilhamos cinco biomas, além dessas infraestruturas, com dez países. E os problemas persistem, o tráfico de drogas, o contrabando...

Lia Osorio: Nunca que vai acabar. Pode tirar o cavalinho da chuva. Isso vai estar na fronteira.

IDESF/Limes (UFG): O que me chama atenção Lia, é que o estado brasileiro tem sido tão letárgico, que para poder securitizar determinadas áreas de infraestrutura, e também trabalhar o desenvolvimento que quem sabe pode ser o grande antídoto para tudo isso. Nós vimos aqui nas pesquisas do IDESF, que os meninos, com 15 anos, tem uma evasão escolar muito maior, sendo que quando ele entra no ensino médio ele sai da escola, porque tem um grande atrativo. Se ele está em Belo Horizonte, ele está em Goiânia, ele quem sabe, pode ser engraxate, pode ser outra coisa, mas aqui não, aqui ele vai para a barranca do rio, e ganha muito dinheiro, ganha mais do que qualquer outra profissão de início. Como é que isso acomoda ao longo do tempo, que políticas, e naquele trabalho do grupo, o Retis, aquele trabalho que a senhora entregou, no final do governo Dilma, início do governo Temer, foi publicado. E segurança, o que isso conversa com desenvolvimento, e quanto nós já andamos, quanto isso é possível fazer, e se aquilo é um processo metodológico, que podemos replicar e atualizar ao longo do tempo?

Lia Osório: Sim podemos, já vou responder pelo final, claro que é possível, só que vocês, é que tem que desenhar a pesquisa, veja, nós levamos uma vantagem, porque o Ministério da Integração Nacional, quando nos contratou, ele ampliou o escopo da minha pesquisa, que era de um grupo de pesquisa da UFRJ, então ele ampliou isso dando a força do governo federal, também, do Ministério da Integração, e o Ministério era forte, e uma série de outros apoios, como do Gabinete Civil, e tudo isso. Agora você usou o termo 'letárgico'. Deixa eu só te dizer, em termos de comparação, com nossos vizinhos, nenhum país da América do Sul, da América Central, e mais curiosamente, nem dos Estados Unidos. Estados Unidos, tem pouca pesquisa de conjunto sobre suas fronteiras, porque eles estão interessados em outra economia, outra sociedade, com o conteúdo do território, na época em que eles se interessavam, depois eles passaram a se interessar só pela financeira, isso acabou pro Estados Unidos, mas isso talvez em algum momento no futuro, isso volte lá. Então nós não fomos letárgicos, nós talvez não tenhamos sido dinâmicos continuamente, isso é verdade. Então você tem um grupo que se interessa, uma pesquisa que vai, mas não há continuidade.

Aí, uma outra questão, talvez sociológica, psicológica, porque eu acho que, no Brasil, há ainda um país que tem novos recursos, mas acha que tem pouco, porque, na verdade, outros elementos entram, e a gente sempre acha que a gente é mais atrasado que os outros, mas quando eu fui apresentar para os nossos vizinhos, a inveja deles, não pense que o Brasil é muito popular com o nosso vizinho, porque eles não esquecem o que aprenderam na escola, nos livros, de que o Brasil foi tirando a terra dos outros, e na verdade, não é certo, vocês devem saber o Acre, mas não é justo. Então, a gente não é letárgico, Luciano, o que nós não temos, é continuidade, algo que regimes 'democráticos' não tem, porque muda o governo, e também, é importante prestar atenção nas fontes de financiamento, você vai dedicar algum dinheiro, depende o ministro, se ele tiver força política, ele consegue. No caso, por exemplo, do Ciro Gomes, ele tinha isso por causa da conexão dele com o José Dirceu, que era uma, extremamente inteligente, que conhecia muito essa parte da política de desenvolvimento, porque foi de outra geração também. Então, em resumo, não acho justo você falar que a gente é letárgico.

IDESF/Limes (UFG): Quem sabe pouco cooperativo com os vizinhos, a cooperação internacional nossa ainda é muito morosa,

Lia Osório: Isso não faz mal, porque, por exemplo, foi muito interessante. Agora, a Europa está em franca decadência, e quando ela renascer, não será mais a mesma Europa. Mas, quando, nós fizemos esse projeto. E na década de 2000, 2010, imediatamente baixaram aqui os europeus, um pouco da França, um pouco da Inglaterra, interesse que a gente publicasse no exterior, em alguns lugares. E, o que é que eles queriam estabelecer? Que esse interesse pela fronteira que eles já tinham tido, mas tinham abandonado, por motivos históricos deles, inclusive, até alguns justificados, outros não. Eles não queriam que a gente achasse que poderíamos desenvolver isso sem eles. E a gente manda o pessoal estudar no exterior. Então, isso pra eles é dinheiro. Para nós é uma chance de desenvolver. Para eles, é que cada aluno que eles recebem, para fazer bolsa no exterior, eu sei porque eu fui uma bolsista no exterior paga pelo governo brasileiro, eles tem o maior interesse. Agora, com a criação de vários programas de pós-graduação, isso diminuiu muito, é mais fácil você ir para fazer o pós-doutorado do que propriamente o doutorado.

IDESF/Limes (UFG): O grupo Retis, ele foi durante muito tempo, a referência dos estudos de fronteira no Brasil. Ele foi fundamental, e ainda hoje ele tem a sua marca, né? O meu grupo aqui em Goiás se chama Limes, muito inspirado pelo nome Retis. Vem do latim, né? E a gente tem então uma referência até hoje, o grupo e o trabalho do grupo, então queria que você comentasse como está o funcionamento do grupo Retis hoje? E no seu entendimento, quais são os principais grupos de pesquisa que estudam a fronteira do Brasil, atualmente?

Lia Osório: Bom, então, primeiro a parte. O Retis, é que eu dava um curso no Fundão de redes e território. E falando com uma aluna de doutorado, que depois fez concurso e passou e virou colega, Rebecca Steinman e a outra, ex-doutoranda, e que depois passou a ser professora também da Universidade, a Letícia. Quando eu fui em direção à aposentadoria, eu decidi que o Retis, como um centro de pesquisas, um núcleozinho de pesquisa, ele deveria acabar e começar uma nova fase com outro nome, outra direção, outra feição. Por que? Eu me lembro, nós tínhamos um professor chamado Hilgard Sternberg, uma grande figura, um homem que criou muita coisa, na época da Universidade do Brasil, isso no final da década de 30 e início da década de 40.

E isso foi útil, porque se dava um nome a um grupo. Mas, na verdade, não é possível. O Brasil muda, o mundo muda, e as pessoas ficam no mesmo, então, tem que fazer ajustes. Só se fosse uma pesquisa hard research, uma pesquisa pesada. Então, eu achei que, com a minha aposentadoria, o ideal fosse cada um fazer seu caminho. Não havia motivo, nem eu estimulei que se fizesse uma herança. E o Brasil tem muita coisa para fazer, para você congelar um grupo. Tem um grupo excelente na USP, sobre tráfico de drogas. Era excelente. Mas também lá, eles resolveram, porque não dá. Você precisaria virar uma instituição, em si. E isso não é, não é o caso dessa pesquisa. E, principalmente, eu me senti super a vontade de fazer isso, porque se multiplicaram os núcleos de pesquisa sobre fronteira. Hoje, se vocês quiserem fazer um encontro do pessoal investigador de fronteira, vocês vão encontrar muita gente, e de vários estados brasileiros.

IDESF/Limes (UFG): Lia, sabemos que as regiões de fronteira são imensas... várias cidades com diversos perfis. Mas na opinião da senhora, os desafios que essas cidades de fronteira tinham há 30 anos atrás são parecidos, ou são os mesmos da atualidade? Na percepção da Senhora, o que é que mudou. Se mudou alguma coisa, o que esses municípios enfrentam em termos de desafios?

Lia Osório: Não. Eles refletem exatamente o que você já sabe e nós todos de orelhada que é totalmente diversificada a situação nas cidades de fronteiras como a geografia mostra, né? Não há nenhum padrão. Mesmo a fronteira, por exemplo, entre Colômbia e Venezuela, em que você tem dois núcleos muito interessantes que membros do Retis, no passado, fizeram uma ótima pesquisa. Cada lugar tem elementos em comum, no caso da fronteira, o contrabando. Todos têm. Distância do centro no caso do Brasil, todos tem praticamente, embora o sul, mas principalmente por causa da rede viária. Foz do Iguaçu cresceu em função de São Paulo, do apoio do governo federal, das relações com o Paraguai e das redes internacionais ilegais e algumas legais. Por exemplo, a rede que se estabeleceu desde a década de 60 entre o Paraguai e a China - não era a China de hoje, era uma China em desenvolvimento. Por motivos de uma história própria, se interessaram em fazer o Paraguai como um ponto de venda para o Cone Sul, e em princípio, seria para a América do Sul, mas não foi, foi mais para o Cone Sul. Leste do Paraguai e Oeste do Paraná foi importante por causa de São Paulo, basicamente. Foz do Iguaçu não seria o que é sem São Paulo. O próprio estado do Paraná. Eu fui convidada pela câmara lá em Brasília para falar para um grupo muito pequeno - porque quase ninguém estava interessado, mas tinha um grupo lá que estava - e estado do Paraná, quando houve a crise da economia da América Latina e do Brasil na década de 80, final da década de 70, estava acabando os regimes militares, nenhum um dinheiro praticamente, uma crise generalizada. Nós conseguimos segurar do ponto de vista político, mas houve uma crise econômica muito grande que inclusive incluiu o México e outros países também, chamava crise da dívida.

IDESF/Limes (UFG): E os desafios dos municípios de fronteira de hoje são parecidos com os de 30 anos atrás, por exemplo, em termos de investimentos em infraestrutura, comunicações, na área de energia, segurança, etc.

Lia Osório: Há muito dinheiro, interno e externo para fazer conexão com Pacífico. Esse é o ponto de hoje. Desde a Amazônia, Acre, Peru, até Foz do Iguaçu, o fato é esse. Houve um período em que essas cidades de fronteira cresceram. Agora é diferente. Por quê? Porque elas não precisam mais ser só de fronteira. Foz agora está enfrentando um contexto geográfico, político e econômico distinto dos últimos anos porque como ela tem relações com o exterior antigas e fortes, tem altos e baixos, mas permanece. Como isso vai se desenvolver, vai depender de outros, que não só a dinâmica da própria cidade. Talvez lá em Mato Grosso. Eu imagino que com o término da estrada do porto lá do Peru, não se faça mais pelo Atlântico, até porque o futuro, o Atlântico enfrenta guerras e tensões dos países interessados no Atlântico, já levando o Brasil a pensar cada vez mais na saída pelo pacífico.

O fato é que tudo está mudando, tudo é possível agora. Vai ser diferente. Os meios de comunicação estão mudando, a geopolítica está mudando. Como é que apareceu isso? Eu estou desconfiada na teoria da conspiração que tem um dedinho de São Paulo nisso. Porque São Paulo é o nosso motor, né? Ainda é. Eles têm interesses espalhados em todo lugar. E nós falamos pelo interesse da China, mas na verdade é todo o Sudeste da Ásia. E agora outros países do continente asiático. O mundo está ficando mais conflituoso, mas muito mais 'interessante' do ponto de vista comercial. O Canal do Panamá teve importante conexão com Foz do Iguaçu porque era de onde entravam as coisas, não somente pelo aeroporto do Paraguai. Imagino que o aeroporto internacional ficava do lado do Paraguai, né? Imagino que hoje já tenha um aeroporto internacional em Foz.

IDESF/Limes (UFG): Essas mercadorias que vem para o Paraguai, muitas delas desembarcam pelo Paraguai mesmo. Mas tem conexão Paranaguá, Santos, muitas mercadorias vem de navio. O Paraguai tem um entreposto tanto em Paranaguá quanto em Santos.

Lia Osório: Você acha ruim? Me parece que você não fez uma cara muito boa.

IDESF/Limes (UFG): Não, não. Tem que ter saída para o mar. É

Lia Osório: Agora vocês também estão tendo relações com o Pacífico já, eu imagino.

IDESF/Limes (UFG): É, tem o porto de Iquique. O Paraguai recebe muitas coisas pelo porto de Iquique e Antofagasta. Também usando os portos de Buenos Aires e Montevideu e usando hidrovias para escoamento da soja, do grão paraguaio. Hoje quem sabe o Paraguai seja aqui da América do Sul o país com o maior número de barcas que operam no Rio Paraguai

Lia Osório: Vocês vivem uma época em um lugar fantástico, mas vocês têm que prestar atenção no Pacífico e à geopolítica internacional, vocês tem que saber isso, porque às vezes quem mora, lá, não tem ideia dos fluxos maiores que estão influenciando a dinâmica local. Vocês são obrigados a fazer esse exercício.

IDESF/Limes (UFG): É verdade. Grande dinâmica, essas evoluções.

Lia Osório: Fora as relações regionais. Vocês têm relações locais, regionais e internacionais. Foz do Iguaçu é um caso didático, até, sobre a complexidade das redes. Um núcleo de fronteira que deu certo. Mas não foi por causa do Paraná. Eu comecei a falar para vocês, que durante a década de 1980, que teve a crise, o Estado do Paraná foi único que teve o PIB que cresceu. Por quê? Porque o estado do Paraná durante a época da crise, se dedicou a introduzir o dinheiro do contrabando na economia paranaense. Veja bem. Isso não é só do Brasil, não é só do Paraná, então ninguém precisa ficar arrepiado por causa disso.

IDESF/Limes (UFG): Colocou até um entreposto do Banestado em Ciudad del Este.

Lia Osório: Exato. Eu acho isso extremamente importante e de certa forma positivo. [risos] Porque com uma andorinha não se faz verão. Você às vezes tem que mudar o sócio para sobreviver.

IDESF/Limes (UFG): O Professor Ricardo Nogueira, lá de Manaus, pediu para eu fazer esta pergunta. Ele queria saber de você, na sua opinião, qual seria a medida do Estado Brasileiro mais conveniente para diminuir a tensão da sociedade naquela região do Arco Norte, em que a sociedade têm convivido com a crise da Venezuela, o tráfico de drogas, a presença do PCC, do Comando Vermelho.

Lia Osório: Mudou o gerenciamento, né? O tráfico sempre esteve aí, há décadas nessas áreas. Só que agora se sofisticou porque se relacionou com o externo, em relação ao tráfico, que é internacional. A única coisa que eu acho que o Amazonas está, a meu ver, não desperto, é que eles não estão vendo o Amazonas nesse contexto Atlântico-Pacífico e mudanças de circulação na América do Sul. Então isso é importante, a Venezuela, por exemplo, que você falou, que é muito importante para Roraima, mas o que mudou em si não foi o mecanismo, foram as relações. As relações dentro de outro grupo de relações, são sistemas, um dentro do outro, o que torna complexo o sistema. O Amazonas, como ele é muito grande e um estado pouco povoado, eu acho que ele não está acostumado a ver o Amazonas em relação à América do Sul. Um pouco sim, em relação à Amazônia Sul-americana, mas não à América do Sul, à América Central. O Amazonas, do final do século 18, o pessoal que morava em Belém do Pará, na Amazônia, eu estou falando agora, não o estado do Amazonas, eles diziam 'o futuro é a relação com o Caribe'. Agora, o Amazonas, ele é um estado imenso, mas ele tem que olhar o contexto da América do Sul, da América Central - o contexto da América Central vai mudar também, está mudando aliás. Não sei se vocês acompanharam a briga entre China e Estados Unidos com o governo panamenho, principalmente EUA com o governo panamenho, por causa da questão do Canal do Panamá, o que é ridículo, tudo isso meio teatro, porque estão construindo outra no México, que vai praticamente substituir em movimento comercial o Canal do Panamá. Então é um exemplo de como hoje as condições são muito maiores de você fazer grandes obras, que mexem com o território todo, às vezes, territórios distantes, e isso, para o geógrafo, embora fundamental, é difícil de estudar. Mas existe muita estatística que nós não exploramos. Eu lembro uma época que encontrei estatística para saber de portos livres.

IDESF/Limes (UFG): Uma pergunta sobre terminologia. Você falou sobre o termo cidades gêmeas, mas a Lei brasileira também utiliza localidades fronteiriças vinculadas. E alguns acordos e as listas, às vezes, não incluem as cidades consideradas gêmeas, incluem outras. Por exemplo, na fronteira do Brasil com a Argentina o acordo coloca Capanema, como localidade fronteiriça vinculada, e a portaria do Ministério da Integração não considera Capanema.

Você acha que os Ministérios não dialogam e não utilizam as terminologias? Eu me lembro que o Exército divide a faixa de fronteira em quatro áreas, são quatro Comandos militares, e a proposta do PDFF divide em três: Arco Sul, Central e Norte. O Exército ainda conta com o Arco Amazônico, além desses três.

Lia Osório: Que se sobrepõe. O Arco Amazônico se sobrepõe ao Arco Norte e uma parte do centro-oeste, porque de fato entre Acre e Rondônia, estão nas duas, né? Mas a gente teve que tomar uma decisão. A divisão em regiões é um instrumento de entendimento. Ele não está escrito em pedra para sempre, não. Você pode mudar, não é? Agora, o termo cidade gêmea o que aconteceu foi o seguinte. Eu dei esse nome porque onde eu estudei, um local próximo de uma cidade dos Estados Unidos, de Minneapolis e St. Paul. E lá eles chamam de Twin cities. Foi por isso que eu tive a ideia. Porque às vezes a gente coloca um nome. Não é *stricto sensu*, científico. É mais para você atrair a atenção das pessoas, esse nome, cidade gêmea é fácil de falar, de passar para as pessoas. É óbvio que elas não são gêmeas, elas têm várias condições geográficas, algumas mais próximas, outras mais distantes. Então foi o nome que eu dei e batizei. Mas na época, veja, isso era algo sobre essa evolução de estudos sobre a fronteira, ninguém dava bola. Então, elas têm essas características distintas, mas têm um contato forte entre elas. Essa era a ideia inicial da cidade gêmea, e era para ser transfronteiriça - não que não possa ter cidade gêmea entre estados brasileiros. Até pode e tem, mas ninguém usa esse nome. O IBGE adotou a cidade gêmea No momento que ele fez isso, e as pessoas começaram a reconhecer seus municípios, foi muito na questão da esperança de obter algum dinheiro, recurso federal, e por essa via conceitual, digamos assim, você conseguia de forma mais facilitada, fazendo essa caracterização. Do ponto de vista geográfico e político, só na política econômica, mas é uma cidade gêmea por causa da intensidade de relações. Mas isso não tem a menor importância do ponto de vista histórico, do ponto de vista atual - dinheiro -, toda vez que você vê briga entre lugares por nomes, por isso tudo, tem a ver com dinheiro. Não é nada geográfico ou político.

IDESF/Limes (UFG): É interessante que hoje a denominação cidade gêmea, faz parte de legislações. Um exemplo são as lojas francas que podem ser implantadas em cidades gêmeas.

Lia Osório: De fato, é uma denominação que passou a ser importante. E eu diria mais, por causa disso que é algo novo, discutível, mas novo, outros países, na fronteira do Canadá com os Estados Unidos, a gente até vê algo similar.

IDESF/Limes (UFG): A professora é mãe das cidades gêmeas, que maravilha.

Lia Osório: Agora, o importante é que vocês vão ter que sobreviver às mudanças geopolíticas no mundo para vermos as nossas possibilidades no futuro de crescimento, de desenvolvimento, tanto do ponto de vista econômico, estratégico e social. Enfim, e também ficamos de falar sobre a Política Nacional de Fronteira, né? Não tem nada de novo na PNF, na verdade é requentar, ampliar algumas coisas, digamos assim, em homenagem ao governo Lula, inseriram mais questões sociais. Mas o que não mudou foi a aceitação do Estado local em relação às fronteiras. Porque o Paraná, como comentei antes, durante a crise ele permaneceu com as relações ilegais e informais em que Foz do Iguaçu foi um ponto. E com isso ele se sustentou durante a crise. Quando a crise acabou, normalizou mas já ampliado isso. A dinâmica das relações muda tudo.

IDESF/Limes (UFG): Nós, pesquisadores, estamos nessa mobilidade e compromisso de estudar as fronteiras, por isso te agradecemos mais uma vez por esse espaço de conversa.

Lia Osório: Somos todos brasileiros, menino. Temos que colaborar.